



CURITIBA: REFLEXÕES TERRITORIAIS A PARTIR DE RAÇA, GÊNERO E RENDA¹

Murad Jorge Mussi Vaz

UTFPR | mudegas@gmail.com

Ana Sophia D. Pryplotsky

UTFPR | anasophia0910@gmail.com

Ana Carolina Schmitt

UTFPR | anaschmitt@alunos.utfpr.edu.br

Isadora Rodrigues Teles

UTFPR | Isadora.t18@gmail.com

Sessão Temática 11: Espaços e diferenças: gênero, raça etnia e diversidade.

Resumo: Curitiba é uma cidade emblemática no que concerne à criação de narrativas urbanas que consolidaram (e ainda consolidam), ao longo de décadas, uma imagem de capital plural e qualidade de vida. Essa história tem sido contada a partir de diversas lacunas que invisibilizaram parcelas populacionais constituintes de sua estruturação, sobretudo no que concerne às populações pretas e pardas. Através de uma pesquisa sobre terreiros de umbanda e planejamento urbano, outras contribuições socio-histórico-culturais e econômicas permitem uma compreensão ampliada da atual composição urbana, suas territorialidades e múltiplos espaços de vida que, historicamente, não entraram nos discursos oficiais. Há ainda, um silêncio do ensino de arquitetura e urbanismo sobre estas temáticas, carecendo de novos modos, aportes teóricos e metodológicos que deem conta de referenciais outros, para os quais, são trazidas aqui, as categorias de movimento, diversidade, invisibilidade e informalidade. As reflexões demonstram que ainda há um longo caminho a ser percorrido que, no entanto, amplia de forma ímpar as possibilidades de se pensar formas outras de ser urbano.

Palavras-chave: Umbanda; herança afrobrasileira; planejamento urbano, Curitiba.

CURITIBA: TERRITORIAL REFLECTIONS BASED ON RACE, GENDER AND INCOME

Abstract: Curitiba is an emblematic city in terms of the creation of urban narratives that have consolidated (and still consolidate), over the decades, an image of plural capital and quality of life. This story has been told through a series of gaps that have rendered invisible some of the populations that make up its structure, especially the black and brown populations. Through research on Umbanda terreiros and urban planning, other socio-historical, cultural and economic contributions allow for a broader understanding of the current urban composition, its territorialities and multiple living spaces that, historically, have not been included in official discourse. There is still a silence in the teaching of architecture and urbanism on these issues, and there is a need for new ways, theoretical and methodological contributions that take into account other references, for which the categories of movement, adversity, invisibility and informality are brought into play here. These reflections show that there is still a long way to go, but that this nevertheless broadens the possibilities of thinking about other ways of being urban in a unique way.

Keywords: Umbanda; Afro-Brazilian heritage; urban planning, Curitiba.

CURITIBA: REFLEXIONES TERRITORIALES BASADAS EN LA RAZA, EL GÉNERO Y LA RENTA

Resumen: Curitiba es una ciudad emblemática en cuanto a la creación de narrativas urbanas que han consolidado (y consolidan), a lo largo de las décadas, una imagen de capital plural y de calidad de vida. Esta historia se ha contado a través de una serie de lagunas que han invisibilizado a algunas de las poblaciones que componen su estructura, especialmente las poblaciones negra y parda. A través de la investigación sobre los umbanda terreiros y la planificación urbana, otras contribuciones socio-históricas, culturales y económicas permiten una comprensión más amplia de la composición urbana actual, sus territorialidades y múltiples espacios de vida que, históricamente, no han sido incluidos en los discursos oficiales. Existe todavía un silencio en la enseñanza de la arquitectura y del urbanismo sobre estas cuestiones, que carece de nuevos modos, aportaciones teóricas y metodológicas que tengan en cuenta otras referencias, para las que aquí se ponen en juego las categorías de movimiento, adversidad, invisibilidad e informalidad. Estas reflexiones muestran que aún queda mucho camino por recorrer, pero que, sin embargo, esto amplía las posibilidades de pensar otras formas de ser urbano de manera singular.

Palabras clave: Umbanda; patrimonio afrobrasileño; urbanismo, Curitiba.

INTRODUÇÃO

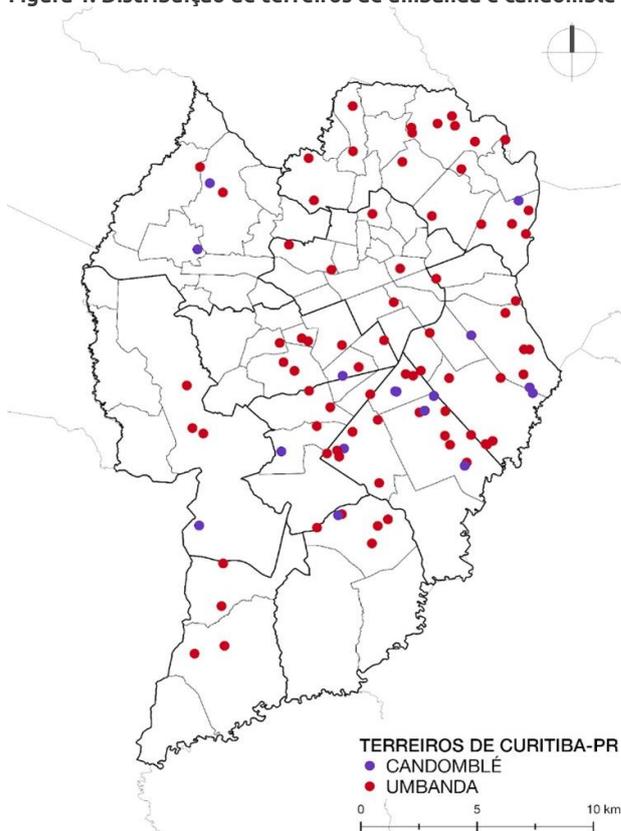
O perigo de uma história única. (Chimamanda Adichie, 2009).

A autora nigeriana nos conduz a uma reflexão fundamental para tensionarmos os estudos sócio-histórico-geográficos quando transgredimos os limites do campo literário e adentramos a constituição dos territórios urbanos. Neste contexto, propomos um olhar específico para Curitiba, buscando revelar seus múltiplos territórios, arquiteturas e espaços de vida que constituem a cidade, para além do olhar hegemônico e das diversas narrativas históricas consolidadas cultural e historicamente no decorrer do tempo. Deste modo, objetivamos dialogar com AbdouMaliq Simone, (2022), quanto à necessidade de categorias outras para pensarmos o urbano, nos propondo a uma leitura ampliada sobre a capital paranaense, baseada na interseccionalidade entre raça, classe e gênero. Nosso foco é sua conformação sócio territorial, amparada em uma interpretação em territórios e modos de vida obliterados historicamente.

A constatação de Conceição Evaristo, “Eles combinaram de nos matar, a gente combinamos de não morrer” (Veríssimo, Pena, Vaz, 2023), oferece uma chave interpretativa para refletirmos sobre insurgências e resistências dos movimentos negros curitibanos. Nesse contexto, cabe resgatar contribuições de populações afro-brasileiras que conformam a cidade, sistematicamente marginalizadas tanto nos discursos quanto nas políticas públicas (Mendonça, 2016; Nascimento, 2021). Mais do que um resgate histórico, trata-se de uma oportunidade de aprofundamento teórico, metodológico e epistemológico, que expande a compreensão para múltiplas “formas de ser urbano” (Costa e Biza, 2012)). Tal enfoque possibilita um questionamento crítico a respeito das noções convencionais do que consideramos como urbano e das múltiplas arquiteturas, além dos cânones hegemonicamente aceitos. Ao nos voltarmos a esses modos de espacialização e vivência, reconhecemos que as cidades antecedem o capitalismo, e portanto, abrigam espaços que lhe resistem, e seguem sendo por ele negados (MARICATO,2015).

Ao adentrar tal disputa de poderes constituídos que se materializa em territórios, o objetivo inicial deste estudo versa sobre o reconhecimento da construção plural e, simultaneamente, contraditória dos espaços de vida nas cidades brasileiras, com enfoque nos terreiros da umbanda e do candomblé como objeto de análise (ver fig. 01). Além disso, ao reconhecer que diversos são os agentes que co-participam tanto nas dimensões da cidade quanto do urbano (Lefebvre, 2024), intenciona-se, como segundo objetivo, contribuir para o campo teórico e prático do urbano, reconhecendo “uma cacofonia das vozes urbanas”, conforme descrito nas palavras de Simone (2022), que contribuem para uma compreensão mais ampla e complexa.

Figura 1: Distribuição de terreiros de umbanda e candomblé em Curitiba



Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados pesquisados e produzidos pelo projeto, Google Maps (2023) e IPPUC (2022).

Essa discussão remete, especialmente, às dimensões de dominação perpassadas ontologicamente pelas zonas do ser e do não-ser (Fanon, 2020), viabilizando possibilidade de desenhar e conceber outros mundos (Escobar, 2016:153; Carrillo, 2019:174) excluídos das pautas da cidade neoliberal, por meio de um constante processo de epistemicídio (Carneiro, 2005). As descobertas caminham para um olhar outro sobre a cidade, suas relações sócio-histórico-culturais e as dimensões do racismo ambiental que atravessam sua constituição.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

[...] um campo fértil se descortina para a arquitetura e urbanismo a partir do habitar de um amplo público de comunidades de favelas, comunidades de terreiros, comunidades quilombolas, nações indígenas, grupos ciganos [...]. (Ramos, 2020, p.158)

Figura 2: Gameleiras da Praça Tiradentes em Curitiba/PR



Fonte: Franklin de Freitas em Bem Paraná (2023)²

“Quem tem direito à morada dos deuses?”³. Essa pergunta, feita por Tiago Hoshino (2023), somada à reflexão supracitada, de Maria Estela Ramos, abre caminho para reflexões amplas e multifacetadas, dentre as quais nos importa, no presente texto, questionar a história e a trajetória dos diversos territórios que constituem os espaços de vida, nas cidades ou em demais conformações humanas, frequentemente negligenciados pela teoria e pela práxis urbanística e arquitetônica (fir 02). Em Curitiba e no Paraná, os discursos oficiais reiteraram a negação e a periferização das populações pretas e pardas, quer em narrativas histórico-culturais, como: (...) a inexistência da grande escravatura é o aspecto mais característico da história social do Paraná” (Martins, 1989:128 apud Mendonça, 2016), quer nas cartografias criadas a partir das intervenções do poder público e reforçadas por estratégias de marketing (Nascimento, 2021)

Assim, o entrelaçamento teórico, intelectual, político e cultural, permite colocar em disputa as narrativas histórico-espaciais, conformadas ao longo do tempo e vinculadas à capital paranaense. Temos nos centrado tanto (1) no estudo do planejamento urbano quanto (2) nas tramas de lugares simbólicos de populações afrobrasileiras, que conformaram, historicamente, a paisagem da cidade (percurso Linha Preta, Mendonça, 2016, Nascimento, 2021.). Nesse sentido, é essencial questionar quais foram as representações usadas para sedimentar imagens, políticas públicas e territorialidades, obliterando as diversas lutas, ao longo do tempo, em múltiplas camadas que se inter cruzam.

Ambos os eixos descritos, em seu desenvolvimento, desvelam as camadas profundas de racismo estrutural e ambiental que permeiam a sociedade, enquanto abrem espaço para aprendizados baseados em dimensões simbólicas e prático-sensíveis, que nos permitem “[...] imaginar um mundo no qual muitos mundos podem co-existir” (Mignolo, 2008:297). Analisar territorialidades que se conformam para além das narrativas da arquitetura e da cidade hegemônica requer uma ampliação de noções e categorias de análise, considerando aspectos como a dimensão do informal, do invisível, da adversidade e do movimento (Simone, 2022).

Quais são os significados atribuídos a estas dimensões, sobretudo em termos de formalidade e informalidade? No decorrer desta pesquisa, observamos como essas dimensões dialogam – ora em consonância, ora em conflito – com territórios historicamente negligenciados como referências socioespaciais e culturais. Conforme Simone (2020:269) pontua, “Ao mesmo tempo, a emergência descreve um processo de coisas em construção, da emergência de novos pensamentos e práticas ainda instáveis, ainda provisões em termos do uso que será dada tais pensamentos e práticas”.

Tais contextos demandam categorias e chaves de leitura alternativas, assim, abrindo espaço para novas possibilidades de linguagens e desenhos para autonomia (Escobar, 2016). Essa perspectiva desafia a hegemonia do pensamento racional e moderno, constituindo uma possibilidade mais abrangente e plural para a compreensão do ser – e sua autoprodução. No que concerne ao campo da projeção, buscamos ampliar nosso diálogo por meio de uma noção que vem do design ontológico, “Reconoce que todo diseño crea un ‘mundo dentro del mundo’ en el que somos, simultaneamente, diseñados y diseñadores. Todos somos diseñadores y todos somos diseñados.” (Escobar, 2016:153). Assim, a cidade tem sido desenhada sob diferentes lógicas, que se cruzam e conflituam nos lugares e nos territórios.

A pesquisa tem se debruçado no estudo de fontes primárias e secundárias, que exploram os territórios afro-brasileiros e os processos históricos de formação da cidade de Curitiba (Mendonça, 2016; Nascimento, 2021; Santos, 2013). Paralelamente, a investigação busca elaborar mapeamentos que identifiquem a localização de territórios de umbanda e de candomblé, além de estabelecer aproximação com determinadas casas religiosas.

[...] o mapa e as demais representações do espaço são ferramentas ideológicas, oriundas de poderes sempre em disputa e com base em um olhar e uma gramática visual geo-historicamente situados; e que ao representarem os espaços, não só descrevem como criam o real – ou, usando as palavras do antropólogo colombiano Arturo Escobar (2006), desenharam o mundo. (Carrillo, 2019, p. 174).

Assim, enquanto as cartografias oficiais invisibilizam múltiplas existências, as “grafagens das relações sociais” (Santos, 2012:66), evidenciadas no território e em suas arquiteturas, também possibilitam uma oportunidade para questionar e repensar os paradigmas norte centrados que balizam o pensamento urbano e arquitetônico (Moassab & Name, 2020). Esse processo contribui para a aprendizagem e para o reconhecimento de múltiplas territorialidades e espaços de vida.

DA CIDADE EM DISCURSO À CIDADE VIVIDA

O mundo não é o que existe, mas o que acontece. (Mia Couto, 2000).

Figura 3: Estátua de Enedina Alves Marques e sua sobrinha em Curitiba/PR



Fonte: Alma Preta em Terra (2024)⁴

A cidade de Curitiba, por meio das dinâmicas sócio-econômicas-culturais de seus diversos grupos, conformou-se através de múltiplas paisagens, resultantes de territorialidades diacrônicas e sincrônicas. A citação de Mia Couto, mencionada acima, e a inauguração da estátua da engenheira Enedina Alves (figura 3) compreendem uma trajetória em movimento, em devir. Essa constatação, em certo grau, abre caminho para o reconhecimento de uma multiplicidade de territórios e espaços de vivência afro-curitibanos. No caso específico da pesquisa, torna-se fundamental compreender as trajetórias e a distribuição espacial de terreiros (figura 1), bem como de sociedades e clubes operários (figura 4) e de pontos simbólicos afro-curitibanos, como praças e monumentos.

Figura 4: Sociedades operárias e agremiações em Curitiba/PR



Fonte: Elaborado pelos autores com base em Dos Traços aos Trajetos⁵ e IPPUC (2022).

O projeto de embranquecimento é observado no Brasil principalmente durante os séculos XIX e XX, conforme sistematizado por Santos (2023): (1) pela ocupação, relegando populações

não-brancas à subalternidade; (2) pela cultura, incorporando matrizes eurocentradas; e (3) pela imagem, concebendo narrativas branqueadas.

O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios [sic] em condição de segmentos subordinados no interior das classes exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz, a ideologia do branqueamento. (Gonzalez, 1988, p. 73).

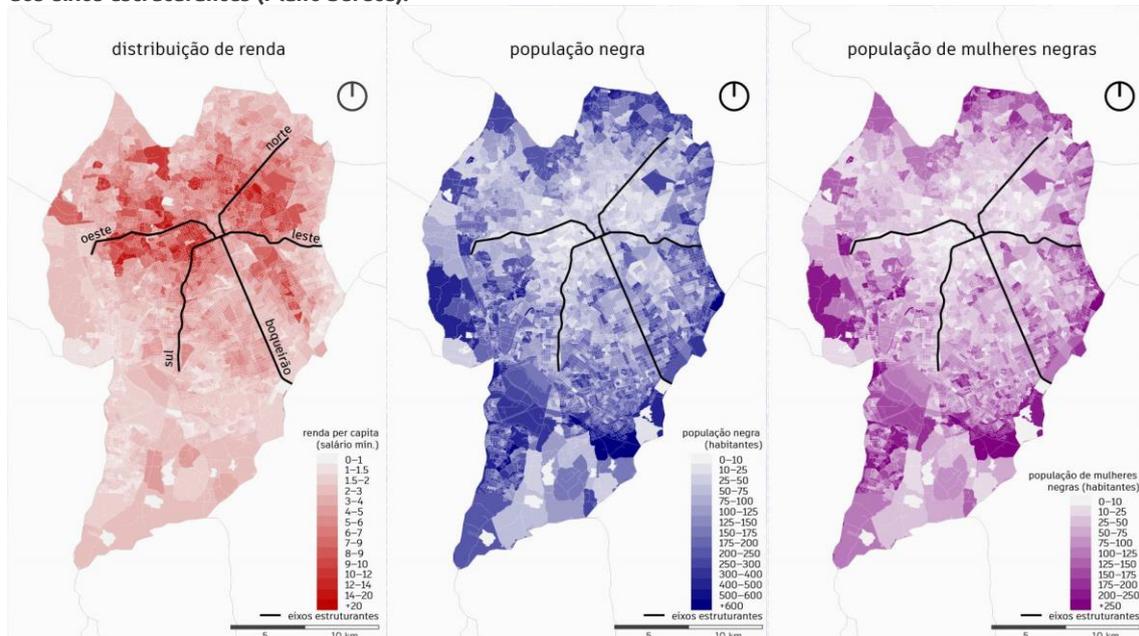
No contexto de Curitiba, tal processo se materializa mediante discursos oficiais e simbólicos, proferidos e constituídos, desde o século XVIII, pelos quais observa-se o processo de branqueamento, fortemente vinculado à imigração europeia, e que perpassa políticas públicas, arcabouços legais, toponímias e narrativas que reforçam, continuamente, as dimensões do racismo estrutural (Mendonça, 2016; Nascimento, 2021; Santos, 2013). As três dimensões delineadas por Santos (2023) tornam-se evidentes, reiteradamente, ao longo da evolução urbana de Curitiba, se contrapondo às campanhas de marketing difundidas, sobretudo, nos anos 1990 e início dos anos 2000 (Sanchez & Moura, 2005), que projetam uma imagem distorcida e eurocentrada, ainda influente nas compreensões contemporâneas (Germinari, 2010; Nascimento, 2021).

Reconstituindo o processo de apropriação da capital paranaense, observa-se que a acentuação de sua urbanização, a partir do século XIX, desencadeou as primeiras iniciativas regulatórias advindas dos Códigos de Posturas, que implementaram medidas higienistas de repaginação, privilegiando matrizes europeias em detrimento das matrizes e das condições da população negra, desamparada de reparação pós-abolição (Santos, Braga & Brum, 2019). Assim, muitas contribuições epistemológicas, sociais, culturais, técnicas e simbólicas foram obliteradas e negadas (Mendonça, 2016). Desde os códigos de postura do século XIX aos planos urbanos, toponímia e demarcações nos espaços públicos, as imagens pretendidas e forjadas deram conta de um imaginário branco, europeu, confrontando a miscigenação dos discursos oficiais (Mendonça, 2016; Nascimento, 2021; Santos, 2013). Com a implementação do Plano Agache, em 1943, e do Plano Serete, em 1965, nota-se a ausência de projetos de habitação social e a centralização de investimentos em áreas com concentração de população de maior poder aquisitivo (Nascimento, 2021). Mais recentemente, políticas urbanas utilizaram do city marketing, promovendo imagens forjadas e narrativas urbanas fabricadas (idem), como apresentado anteriormente. Esse cenário resultou na sucessiva periferação da população negra, de maneira que, o fator racial, para além do econômico, se mostra indissociável para se compreender o urbano (Nascimento, 2021).

O imaginário de uma Curitiba marcado pela “inexistência de uma grande escravatura” revela-se equivocado, sobretudo frente seu posicionamento como capital mais negra do Sul do Brasil, conforme IBGE (2017), com 24% da população autodeclarada preta ou parda (Nascimento, 2021). Em contrapartida, são observadas variações significativas nas proporções de população negra entre bairros curitibanos, que oscilam entre 17,1% a 31,5% (ver fig. 04), evidenciando uma espacialização e uma apropriação urbana desiguais (Santos,

2023). O mapa demonstra não só a periferização das populações de baixo poder aquisitivo, mas também a massiva presença de mulheres negras nas franjas urbanas.

Figura 5: Mapas de população negra, população feminina negra e renda per capita em Curitiba – sobreposição dos eixos estruturantes (Plano Serete).



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de dados do IBGE (2010) e da base de IPPUC (2022), inspirado originalmente em Pessatti & Maziviero (2021)

As constatações acima referidas refazem o arco acima citado de necessidade de categorias outras como a informalidade, a adversidade, o invisível e o movimento (Simone, 2022). A trajetória do planejamento e das resistências das populações pretas e pardas mostram uma trajetória constante em movimento redesenhando não somente territórios, mas adaptações socioculturais e, inclusive, de provimento de renda frente às adversidades. Assim, o estudo dos terreiros no próximo item, como aquilo que, aparentemente é invisível, retoma uma dinâmica pulsante de cotidianidade que constitui, também, o cerne de Curitiba.

ESPAÇOS DE VIDA E TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA

O futuro desenha-se agora [...] como esta conversa em que tu me reconhece como um ser pensante. (Paulina Chiziane).

Ao retomar as categorias acima descritas, o movimento e enfrentamento das adversidades, demonstramos como diversas iniciativas começam a recuperar e demonstrar como a presença de múltiplas etnias e culturas afro-brasileiras consolidou e continua consolidando a capital paranaense. Percursos e roteiros constituintes da morfologia urbana (física e social), a recuperação e valorização de personalidades historicamente embranquecidas, lugares, edifícios e espaços públicos ressignificados são resultantes de pesquisas nos mais variados âmbitos reforçando essa Curitiba outra, negada historicamente (ver figura 6) e que começa a

ser cada vez trazido ao debate, retomando uma proeminência histórica sistematicamente negada.⁶

Figura 6: Roteiros que remontam às territorialidades afro-brasileiras constituintes de Curitiba/PR



Fonte: Elaborado pelos autores com base em Linha Preta, AfroCuritiba⁷ IPPUC (2022), II COPENE SUL (2015)⁸.

Indo além, ao aprofundarmos nossos trabalhos, notamos como os terreiros de umbanda e candomblé, lugares de resistência cultural, são partes fundantes da capital paranaense. No entanto, no que concerne aos estudos arquitetônico-urbanísticos, poucas são as referências, as análises e as pesquisas sobre a temática que já vêm sendo consolidadas nas ciências sociais. Mais uma vez apela-se para as categorias da informalidade e invisibilidade. Conforme Araújo e Amorim (2023, p.175), esses territórios, de maneira “dinâmica, pluralista, multicultural e inter-racial”, perfazem modos que, por via do cotidiano, permitem “(...) o resgate e a manutenção dos valores e saberes populares que lhe dão forma”, confrontando, mediante seu universo simbólico, “o imaginário colonial”. Ainda que as autoras abordem especificamente o caso de Salvador, é possível perceber a distribuição de dezenas de territórios de umbanda e candomblé por toda a extensão de Curitiba (fig. 01).

A partir dos terreiros, abre-se um campo epistemológico para um outro olhar para as cidades, seus paradigmas e suas formas urbanas, na senda já aberta por diversas pesquisadoras e pesquisadores que estudam as contribuições afro-brasileiras para cidades e espaços de vida em território nacional. A lógica de distribuição de terreiros, em Curitiba, demonstra uma permeabilidade que permite compreender a própria história da cidade, sua evolução urbana e os diversos grupos sociais que a compõem, que, muitas vezes, não são objetos de análises aprofundadas. Diante disso, mostra-se essencial reconhecer as casas religiosas afro-brasileiras como protagonistas na territorialização das cidades, sendo atores identitários e

abrigos (Blum et al, 2018). Inclusive, resgatam relações outras com o meio, gerando paisagens diversas e imbuídas da vegetação como elemento central. São avanços para uma compreensão dos territórios conforme outras cosmovisões, com outras interpretações entre natureza e espaço edificado, tensionando a literatura urbanística e arquitetônica mais clássica, dicotômica e taxonômica - formal/informal; legal/ilegal etc.

Aos nos aproximarmos desses territórios, notamos como Esses espaços de vida constituem-se em chaves de leitura para formas de se constituir relações espaciais, culturais, sociais que se traduzem em atravessamentos aos referenciais espaciais hegemônicos (Moassab, 2021; Ramos, 2020, Velame, 2019).Esses espaços não apenas reafirmam identidades plurais, mas também abrigam populações marginalizadas por esse processo excludente, desempenhando funções essenciais para o urbano que, muitas vezes, caberiam ao poder público, especialmente em contextos de baixa inserção estatal nas áreas de educação, saúde, alimentação e moradia (Blum, 2018). Uma análise cruzada pode ser feita com pesquisas que buscam compreender modos de produção habitacional em alguns contextos moçambicanos, como a ideia do “espaço do lar” (Costa & Biza, 2012). Para os autores, o habitar é “simultaneamente um lugar e um processo. Criar um ‘Espaço do Lar’ envolve, assim, simultaneamente, práticas espaciais e sociais, mas conceptualmente o ‘lar’ é, acima de tudo, um conceito culturalmente definido” (Costa & Biza, 2012, p. 6), reforçando a ideia de obra em constante evolução e busca ao pertencimento.

Araújo e Amorim (2023:190) identificam, em seu estudo sobre terreiros em Salvador, que esses espaços de culto “são, muitas vezes, invisíveis aos olhos leigos/as”. As autoras apresentam que, entre os fatores, estão suas múltiplas características: (1) ser, muitas vezes, o mesmo imóvel residencial dos dirigentes da casa; (2) não haver, geralmente, placas ou indicações explícitas, sendo reconhecidos, por vezes, por elementos como árvores de uso ritualístico, sons durante as giras, entre outros. Constatções similares têm sido observadas no terreiro objeto do presente estudo, que se configura como um centro de resistência de uma família negra em Curitiba, a qual tem no terreiro seus múltiplos espaços sagrados e de residência.

Corroborar-se, assim, com a observação de Simone (2023, p.275) a respeito das cidades do Sul Global, de suas constituições e formas constituídas, de que “[...] todas são aberturas em algum lugar, texturas que pontuam e conduzem. São o produto de práticas espaciais específicas e interações complexas [...]”.

REFLEXÕES FINAIS

[...] olho para o que acontece em espaços e tempos bastante circunscritos que podem ajudar a preparar atores específicos para alcançar e se estender a um mundo maior e decretar essas possibilidades de se tornar urbano [...]. (Simone, 2022, p. 201).

Como toda pesquisa, esta segue em aberto, quando refletimos sobre cidades, territórios e arquiteturas constatamos que há um vasto caminho a ser percorrido e cada mais aprofundado através de clivagens interseccionais entre raça, gênero e renda. Categorias outras são cada vez mais necessárias, no que concerne o estudo, a intervenção e o entendimento de cidades e espaços de vida não compreendidos pelos paradigmas hegemônicos. Cada descoberta aqui presente reorganiza nosso ponto de partida e isso demanda, em certa medida, a adoção de novas bases teóricas, epistemológicas e metodológicas, capazes de reconhecer territórios até então invisibilizados.

No entanto, as reflexões aqui apresentadas, bem como os desdobramentos delas decorrentes, nos possibilitam aprender como formas outras que se processam cotidianamente nos múltiplos territórios que compõem nossas cidades e arquiteturas. A adversidade, o movimento, o invisível e a informalidade nas cidades do Sul, incluindo o contexto brasileiro, permite corroborar com a assertiva de que as populações afrodescendentes “[...] marcaram e marcam, de forma irreversível, a nossa formação social, tecnológica, demográfica e cultural que, ao longo desses séculos, foi preservada e recriada, mesmo com as políticas contrárias do sistema” (Anjos, 2010, p.15).

Na linha das reflexões acima, Curitiba, emblemática capital do marketing urbano, tem tido sua imagem constituída de múltiplas maneiras, mas ainda carece de um reconhecimento aprofundado das contribuições dos movimentos negros que conformam, cotidianamente territórios e espaços de vida que abrangem a cidade, em toda a sua extensão, e o urbano, em todas as suas nuances.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DOS ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. A GEOGRAFIA DO BRASIL AFRICANO, O CONGO E A BÉLGICA - UMA APROXIMAÇÃO. **Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território / Eletronic Magazine: Time - Technique - Territory**, [S. l.], v. 1, n. 3, 2017.

ARAÚJO, M. M. S. ; AMORIM, N. C. R. . Pontos riscados no chão: a presença da umbanda em Salvador, Bahia. **Laje**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 166–195, 2023.

BLUM, C., et al. Lugares de Axé: Notas sobre um inventário de terreiros de candomblé em Curitiba e região Metropolitana. In Raggio, A. Z. et al. (Eds.), **Abordagem Sociológica sobre a População Negra no Paraná**. Curitiba: SEJU, 2018, p. 248-272.

CARRILLO, O F. Desenhando com o subalterno. **Revista Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, v. 3, n. 1, 2019, p.166-179.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

- COSTA, A. B. D. & BIZA, A. **Home Space - Ethnographic Report**. 2012.
- ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal**. Cauca: Sello Editorial, 2016.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora.
- GERMINARI, G. D. **A história da cidade, consciência histórica e identidades de jovens escolarizados**. Tese de doutorado - UFPR. Curitiba, 2010.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo brasileiro, Rio de Janeiro, N° 92/93. 1988.
- HOSHINO, T. de A. P. "Quem pode ser dono da morada de deuses?": Terra, terreno, terreiro. **Laje, [S. l.]**, v. 2, n. 1, p. 132–165, 2023.
- LÉFÈBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.
- MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MARTINS, W. **Um Brasil diferente: Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- MENDONÇA, J. M. N. ESCRAVIDÃO, AFRICANOS E AFRODESCENDENTES NA "CIDADE MAIS EUROPEIA DO BRASIL": IDENTIDADE, MEMÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA. **Tempos Históricos, [S. l.]**, V. 20, N. 1, p. 218–240, 2016.
- NASCIMENTO, G. P. do. A racialização do espaço urbano da cidade de Curitiba - PR. **Geografia Ensino & Pesquisa, [S. l.]**, v. 25, p. e24, 2021.
- MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, N.34, 2008.
- MOASSAB, A. & NAME, L. Apresentação. In MOASSAB, A. & NAME, L. (Eds.), **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.
- MOASSAB, A. A invisibilidade das religiões afrobrasileiras no ensino de arquitetura e Urbanismo. In: MOASSAB, A., et al. **Caderno Maloca**. Foz do Iguaçu: UNILA, N. 2, 2021.
- MOASSAB, A., et al. Dicionário de Arquitetura de Terreiros: a partir do Ilê Asé Oju Ogún Funmilaiyió em Memória de Mãe Marina de Ogún. **Caderno Maloca**. Foz do Iguaçu: UNILA, N.2, 2021.
- VERÍSSIMO, C.; PENA, J. S.; VAZ, M. J. M. . Cidades e arquiteturas afrodiáspóricas. **Laje, [S. l.]**, v. 2, n. 1, p. 8–19, 2023.

PESSATI, J. T. K., MAZIVIERO, M. C. Dimensões espaciais das relações raciais: o caso de um terreiro umbandista no bairro Abranches em Curitiba. **Anais eletrônicos do XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Salvador: UFBA, 2021. Tema: 30 anos.

RAMOS, M. E. R. As lacunas dos estudos afro-brasileiros no ensino de Arquitetura e Urbanismo. In MOASSAB, A. & NAME, L. (Eds.), **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.

SANTOS, B.; BRAGA, G.; BRUM, L. Centro e Arredores. In: **Dos Traços aos Trajetos: a Curitiba Negra entre os séculos XIX e XX**. Curitiba: Boletim Casa Romário Martins, 2019.

SANTOS, J. C. G **A cidade de Curitiba e o projeto político de invisibilização da população negra**. Monografia de Especialização - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

SANTOS, R. E. D. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: DOS SANTOS, R. E. (Ed.), **Questões urbanas e racismo** (36-67). Petrópolis: DP et Alii, 2012.

SANTOS, R. E. D., VERÍSSIMO, C., PENA, J. S., & VAZ, M. J. M. Por uma geografia de(s)colonial: Entrevista com Renato Emerson dos Santos. **Laje**, V.2, N.2, p.48–85, 2023.

SANCHEZ, F.; Moura, R. Ciudades-modelo: estrategias convergentes para su difusión internacional. **Revista Eure**. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile., V.31, N.93, p.21-34, 2005.

SIMONE, A. Refazendo cidades africanas. **Laje**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 262–289, 2023.

VELAME, F. M. **Arquiteturas da Ventura: os terreiros de candomblé de Cachoeira e São Félix**. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019.

¹ Uma versão preliminar deste texto foi enviada ao XVI SIIU, no entanto, não foi discutida nem apresentada. Esta nova versão foi ampliada, com mais profundidade de informações, autores e autoras.

² <https://www.bemparana.com.br/noticias/parana/dia-do-caboclo-e-celebrado-em-frente-as-gameleiras-da-praca-tiradentes-em-curitiba-confira-a-galeria-de-imagens/>

³ Texto no qual o autor discute o processo de tombamento de um terreiro de candomblé, que foi alvo de muitas disputas (conforme referências).

⁴ <https://www.terra.com.br/nos/enedina-alves-primeira-engenheira-negra-do-brasil-ganha-escultura-em-curitiba,4da20fc8e1d0b7ac03fdde9487971e4dwmb83nga.html>

⁵ www.dostracos.wordpress.com/mapa

⁶ Os trabalhos de Joseli Mendonça atravessam frontalmente uma narrativa de escravatura e demonstram uma área central da cidade constituída por pessoas negras, libertas ou não, em constante movimento de atividades urbanas (conforme referências).

⁷ www.afrocuritiba.ufpr.br

⁸ <https://2copenesulcuritiba.blogspot.com/>